

IDENTIDADE DE GÊNERO NO PROCESSO PSICANALÍTICO

Sergio Cyrino da Costa

aPERj-Rio 4

Falar sobre a identidade de gênero no processo psicanalítico implica em falar sobre a contratransferência, presente desde a colaboração de Freud com Breuer no início da História da Psicanálise. Freud acusou Breuer de fugir da paciente Anna O., quando esta aparece com uma gravidez histérica, dizendo que o filho era de Breuer. Hoje a veracidade da fuga de Breuer é contestada, e atribuída a uma das muitas deturpações de Ernest Jones, principal biógrafo de Freud. Entretanto, Breuer era contrário à teoria sexual das neuroses, e de qualquer forma Freud pode perceber o poder exercido por uma bela mulher sobre uma relação tão íntima como a análise.

Entre os trabalhos de Freud dedicados à técnica, “Observações Sobre o Amor de Transferência”(1915) mostra em especial a preocupação com a encenação do relacionamento amoroso no palco analítico. O teatro é um recinto isolado, assim como o consultório do analista. Ali se podem intensificar, livres de estímulos externos, as realizações de desejos e reedições de antigas frustrações amorosas de ambas as partes. A situação ideal de filmes e novelas pode tornar-se o “sucesso de bilheteria”. Freud refere-se ali a uma situação que é “muito nitidamente definida”, “ocorre mui amiúde e é muito importante em seus **aspectos reais** e em parte a seu interesse teórico”. Logo adiante: “Nós, que rimos das fraquezas de outras pessoas, nem sempre estamos livres delas”. Freud mostra-se extremamente realista ao aventar três possíveis desfechos quando surge uma relação apaixonada entre analista e paciente. Interrompem o tratamento e se afastam, ou se casam, ou têm uma relação ilícita; ou seja, realizam a reposição da falta de modo irreal; supostamente fora da situação analítica, mas permanecendo inconscientemente nela.

Assim, Freud coloca três soluções possíveis no caso de enamoramento de uma paciente por seu analista. Uma união legal entre eles, separação do par analítico ou união ilegal; esta última, à época, para Freud menos possível devido aos padrões de moral rígida e da vigilância de uma sociedade restrita (“moralidade convencional e padrões profissionais”). É justamente esta questão que levanta o problema como paradigma da contratransferência na obra de Freud. Strachey ressalta que Freud dificilmente falará em contratransferência com tanta clareza no restante de sua obra. Freud enuncia seu famoso alerta contra a armadilha do narcisismo do analista: “Ele(analista) deve reconhecer que o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica, e não deve ser atribuído aos encantos de sua própria pessoa; de maneira que não tem nenhum motivo para orgulhar-se de tal ‘conquista’”.

É parte integrante do processo analítico a instauração de um processo de repetição dentro do setting, no qual o analisando inconscientemente procura colocar o analista como personagem de seu mundo fantasmático.

Fugindo um pouco da relação amorosa entre pares analíticos de sexos opostos. Um paciente do sexo masculino poderá enxergar no encontro com analista do mesmo sexo uma oportunidade de vingança contra o rival amoroso. O analista como chefe da horda, o dono de todas as fêmeas, alimentando um ódio filicida no macho mais jovem. Ou o contrário, o analista jovem que pode representar a potência e vitalidade perdidas pelo paciente em crise de meia-idade. Ou ainda o agressor que não se lembra de sua vítima de brincadeiras infantis sádicas; o menino mais velho que perseguia ou ridicularizava o pequeno. Racker chama a atenção em certos casos de provocações masoquistas do analisando, gerando observações irônicas de conteúdo sádico. Atribui tais irrupções de angústia contratransferencial a uma forma de reação terapêutica negativa do analisando borderline (também presente em pacientes neuróticos); angústia leve, mas constante. Racker preconiza que o analista experiente, em vez de dar interpretações proibidoras (um “cala-boca”), deveria suportar a angústia, realizar *passageiramente* o papel induzido pelo analisando para em seguida analisar o sucedido e atuado. Muita técnica e muita experiência, sem dúvida, para entrar e sair desta forma.

Um best-seller da atualidade, “Mentiras no Divã” aborda o envolvimento contratransferencial de um analista sem atributos físicos interessantes com uma paciente que o procura para vingar-se do marido. O ex-marido era paciente do mesmo analista, e a havia abandonado por outra mulher, fugindo de casa. A suposta paciente tenta seduzir o analista para provar que todos os homens são iguais, não prestam. A personagem retratada é uma mulher fálica. Rasga as roupas do marido, e tentará castrar o analista como vingança pelo abandono. Não quer o marido de volta; nunca quis. Quer o pênis do analista. Reveste-se de uma máscara de feminilidade passiva para desferir o golpe mortal: arruinar a reputação do analista, deixando-o pobre, para exibir os despojos de seu triunfo.

O analista, sem o saber e sem o querer, parece seguir as recomendações de Racker. Entra no jogo sedutor, ativo-passivo da paciente; perfuma-se, produz-se, devolve as frases eróticas da mesma, mas consegue acordar em tempo, salvando a análise.

Evidentemente, pode-se contestar que tais situações de fato independem do sexo do analista. “*Analista não tem sexo*”, reza uma conhecida máxima. Não deveria ter, acrescentaríamos. Mas tem. Idoso, jovem, bem aparentado, moderninho, antiquado. O que sem dúvida nos parece claro é que o intento desta frase não se perdeu. Ela visa minimizar ao máximo a interferência de um fator fundamental na relação analítica.

A imagem corporal do analista frente a seu paciente é a porta de entrada do processo analítico; o encontro inicial dos egos dará lugar ao encontro dos selfs de cada parte do par. Grinberg e Grinberg situam as funções do ego como processos

psicológicos do pensar, perceber, recordar, sentir, organizando e regulando a conexão entre os impulsos internos e o ambiente. O conceito de self, para estes autores, inclui o modo como o indivíduo se percebe e se valoriza. O aspecto estruturante na experiência interpessoal (psicanalítica) forçosamente incluirá tanto a imagem pictórica de analista e analisando como seu cheiro (adocicado, forte, intenso, suave), timbre de voz (grave e penetrante, agressivo, insinuante, sedutor ativo e passivo). Um contraste muito grande entre os parceiros de análise irá requerer extrema sensibilidade. Os autores, numa abordagem kleiniana, descrevem a confusão na percepção e diferenciação entre objeto e self nos pacientes regredidos: indiferenciação entre realidade e fantasia, sujeito-objeto, mundo interno-mundo-externo, símbolo-objeto simbolizado, palavra e coisa.

Lins de Almeida, em seu trabalho sobre psicopatologia da transferência e contratransferência, descreve uma paciente sua à qual dá o nome de Diotime. Trata-se de uma mulher misteriosa que se envolve com homens de vários países, misteriosos como ela, mas sempre superficialmente, sem consumir sua sexualidade nas relações genitais. Haviam-lhe indicado dois analistas, um deles uma mulher: “Não aceitei de forma alguma um analista do sexo feminino, não sei por que”, diz ela. Na primeira sessão Lins tem a impressão que a paciente explicitou seu intento. Quer que o analista seja um homem-penis-estrangeiro que preencha seu vazio da castração. Entretanto, os homens estrangeiros são como fetiches (pênis da mãe, ausência de pênis). Diotime quer um pênis, mas também tende a colocar o analista no lugar da mãe, fria e mutilada, distante, pobre de afeto. Aos poucos, a figura masculina do analista ganha vulto na transferência. A paciente tem fantasias de gravidez com seus parceiros, mesmo consciente da impossibilidade concreta pela falta de contato sexual. O analista interpreta sua angústia de Diotime com a proposta de fazer análise quatro vezes por semana com um homem. Percebe-se, pelo material, sua curiosidade concomitante ao medo. Ela havia conhecido dois médicos, que contavam seus problemas a ela e queriam logo ir para a cama. Logo adiante reclama que o analista deveria falar mais. Falar de si mesmo, sem dúvida, dizer como são os homens, mudar sua imagem. Deixar que o visse, sem avançar sobre ela.

A paciente conta uma história da infância, que mostra como o avô materno havia cuidado dela após acidente da mãe, que ficara *engessada*. “Os homens da família são melhores do que as mulheres”. Aos poucos instaura-se a transferência amorosa: “Eu fiz uma transferência antes mesmo de iniciar a análise, que seriamente motivou minha escolha. Analista *homem* e estrangeiro. Que fazer com esta transferência?”

Lins interpreta um sonho de cópula da paciente com ele próprio como um sonho típico, feminino, edipiano, de ter um filho do pai.

As conclusões do trabalho são profundas, descendo a uma problemática primitiva descrita à luz de conceitos kleinianos de voracidade, regressão sádica e incorporação de um falus perseguidor. Recalcamento com dessexualização e idealização do objeto (analista-homem). O que nos interessa na presente exposição

é chamar a atenção para a importância da escolha inicial de gênero por parte do paciente, e a compreensão e acolhimento do analista.

Evidentemente, as possibilidades são múltiplas a cada encontro analítico, mas o fator identidade de gênero é um determinante poderoso no destino do processo psicanalítico. Terminei citando as palavras de José Lins de Almeida concluindo o resumo do trabalho citado acima: “Com este trabalho o autor pretende... descrever como viveu e conduziu uma longa viagem, surgida de um encontro, e que os levou a caminhos não planejados”.

Os caminhos da análise são sempre assim. Guiados por escolhas pré-conscientes e inconscientes.

Um paciente psicótico de 50 anos, de andar e modos femininos, costumava vestir-se de modo conservador e discreto, embora eu já o tivesse visto na rua andando como uma mulher e provocando brincadeiras de operários de uma obra. Nestas ocasiões, reagia com a indignação de uma dama ofendida, condenando o atrevimento. Aqueles que o molestavam representavam, assim, uma parte projetada que admitia sua homossexualidade, realizando a cisão entre sua castidade discreta e seus desejos inconfessáveis. Este paciente certa vez comentou sobre minha indumentária, após uma pausa: “O Sr. usa jeans, não é?”. Ou seja, eu era diferente dele, o que se notava em princípio pela indumentária, mas estendia-se ao resto de mim, de meus modos, meu self, minha identidade de gênero. Nos psicóticos, um falso self protege o verdadeiro até que uma situação favorável, que pode ser o processo analítico, “descongele” o verdadeiro self (Grinberg). Atualmente os pacientes narcísicos, mergulhados num mundo povoado de indefinições e oscilações em relação à definição da sexualidade, nos propõem o desafio de decifrar sua sexualidade. Um enigma se apresenta através de suas tatuagens ambíguas, seus corpos “sarados”, suas identificações com ídolos bizarros da mídia, ou suas comunicações cifradas, para que nós introjetemos suas dúvidas e partilhemos de suas angústias.

Ao entrar no processo analítico com seu paciente, o analista pode ser convidado a sair do armário junto com ele. Aceitará?

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, J. L. *Psicopatologia da Transferência e da Contratransferência na Psicanálise Atual*. Rev. Bras. de Psicanál., Vol. XIII, No. 3, 1978.

FREUD, S. *Observações Sobre o Amor Transferencial*. SE, Vol. XII, Rio de Janeiro, Imago, 1969.

GRINBERG, L., GRINBERG, R. *Identidad Y Cambio*. Buenos Aires, Paidós, 1976.

RACKER, H. *Estúdios sobre Técnica Psicoanalítica*. Buenos Aires, Paidós, 1977.

YALOM, I. Mentiras no Divã. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.